

CONIMBRIGA



INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA



VOLUME XLVIII • 2009

FACULDADE DE LETRAS
UNIVERSIDADE DE COIMBRA

CATARINA QUINTEIRA, JOSÉ D'ENCARNAÇÃO

Arqueóloga e investigadora do Centro de Estudos Arqueológicos das Universidades de Coimbra e Porto

Professor Catedrático aposentado. Membro do Centro de Estudos Arqueológicos das Universidades de Coimbra e Porto

CIL II 182, DE OLISIPO

“Conimbriga” XLVIII (2009) p. 181-187

RESUMO: Tão clara e sem dúvidas de leituras surgia esta inscrição em todas as fontes e tão importante era a informação que veiculava que se poderia suspeitar de que alguma vez tivesse mesmo existido. Ora se confirmou a sua existência, pois, o pedestal em que foi inscrita se reencontrou, em Outubro deste ano de 2009, no decorrer do acompanhamento arqueológico, feito por Catarina Quinteira, de uma obra na cidade de Lisboa. Fácil foi, pois, a sua identificação com CIL II 182.

RÉSUMÉ: Elle était si claire et dépourvue de doutes la lecture de l'inscription CIL II 182 qu'on pouvait, à un certain moment, de douter de son authenticité. On vient de confirmer son existence, puisque, dans le cadre de l'accompagnement archéologique d'une édification urbaine, à Lisbonne, on l'a retrouvée en remploi comme bassin. On en profite, alors, pour présenter l'image et faire le commentaire paléographique du monument, en rappelant son exceptionnelle importance pour l'histoire d'*Olisipo*.

(Página deixada propositadamente em branco)

CIL II 182, DE OLISIPO

Ao compulsarmos o livro de Vieira da Silva,¹ verificamos que, já no seu tempo (meados da década de 40 do século passado), se conheciam vinte e duas referências a este pedestal romano, ora reencontrado no decorrer das obras de requalificação do edifício sito no Largo do Contador-Mor, n^{os} 3 e 4, na cidade de Lisboa, freguesia de Santiago, de cujo acompanhamento arqueológico foi um de nós (C. Q.) o responsável. Aliás, também à primeira vista nada faria supor que o tanque adossado às paredes que delimitavam, a noroeste e sudeste, o pátio interior de uma das casas de habitação (Fig. 1 e 2) conservaria intacta, na sua base, uma epígrafe de época romana!²

Pode, na verdade, afirmar-se que nenhum manuscrito há ou livro sobre as antiguidades de Lisboa que não traga esta inscrição. O facto de André de Resende a não citar nas suas *Antiguidades da Lusitânia* poderá dever-se simplesmente ao facto de ainda lhe não ter chegado essa informação, que, no entanto, já viera, entre outros, no manuscrito de Strada,³ e no do chamado *Anónimo Napolitano*, datável de meados do século XVI, cuja menção reproduzimos (Fig. 3).

¹ SILVA, A. VIEIRA, *Epigrafia de Olisipo*, Lisboa, 1944, p. 182-184.

² Agradecemos ao dono da obra, a gerência da empresa Espírito Santo Reconversão Urbana, representada pela ESAF - Espírito Santo Fundos Imobiliários, a gentileza de nos haver permitido estudar de imediato o monumento. É sua intenção doá-lo ao Museu Nacional de Arqueologia.

³ O resultado das pesquisas de Octavio Strada (1550–1607) sobre a Antiguidade Romana só viria a ser publicado postumamente, em 1615, sob o título *De Vita Imperatorum et Caesarum Romanorum*. A inscrição vem na pág. 171, sob o n^o 6, que tivemos oportunidade de consultar (Fig. 4).

Diga-se, para já, que, afinal, a pedra sempre se terá mantido mais ou menos no mesmo local, pois que Vieira da Silva, baseando-se na documentação que consultou, assinala que, «no princípio do século XVI», estaria numa casa «defronte da fachada lateral norte» da igreja de S. Tiago, identificando-a com a casa que faz «esquina do actual Largo do Contador-Mor para a Rua de S. Tiago», acrescentando que, mesmo depois do terramoto de 1755, ainda estava visível (p. 188).

Curioso será verificar como foi usada por Luís Marinho de Azevedo para mostrar, a seu jeito, a importância que, mesmo em tempo de Romanos, teve a cidade de Lisboa, sobrelevando-se às demais:

«E contra a opinião de haver denegado Octaviano a nossos Lisbonenses a faculdade de levantar-lhe templo dedicado à sua falsa divindade, temos três pedras, que o confirmam com historiadores que o dizem. A primeira esteve na igreja de Santiago desta cidade e é célebre entre muitos autores que dela trataram, a qual continha a inscrição seguinte [...]» – dá o texto, sobre ele se espraiando em variadas considerações, mormente salientando o lugar especial que deteriam na cidade as famílias a que cada um destes augustais pertencia.⁴

Está, pois, feita a resenha bibliográfica da peça⁵ e muito se tem escrito já também acerca do seu elevado interesse histórico. Por conseguinte, ainda que se resuma, no final, essa relevância, o que ora importa sobremaneira é o seu estudo epigráfico propriamente dito.

Trata-se, pois, de um pedestal, de mármore rosado (provavelmente de S. Domingos de Rana, Cascais), cujas faces se apresentam de forma rectangular com topo e base levemente em jeito trapezoidal, devido, sem dúvida, aos acertos feitos aquando da sua reutilização para tanque.⁶ Não há qualquer molduração. A face epigrafada

⁴ AZEVEDO (Luís Marinho de), *Fundação, Antiguidades e Grandezas da Mui Insigne Cidade de Lisboa (...)*, Lisboa, 1753, II parte, p. 36-38.

⁵ A título de exemplo, citemos ainda, para além de CIL II 182 = ILER 1033: VASCONCELOS (José Leite de), *Religiões da Lusitânia*, III, Lisboa, 1989 (reimp.), p. 325; GARCIA (José Manuel), *Religiões Antigas de Portugal, Aditamentos e Observações às «Religiões da Lusitânia» de J. Leite de Vasconcelos. Fontes Epigráficas*, Lisboa, 1991, nº 481 (p. 465).

⁶ Aliás, é visível, numa das faces, o respectivo canal de escoamento (Fig. 2). É antiga a fractura do canto observável na fotografia.

apenas sofreu, junto à aresta lateral direita, os efeitos da erosão provocada por infiltrações, fazendo desaparecer uma das letras, que, no entanto, se reconstitui sem dificuldade, até porque, como se disse, a epígrafe nunca ofereceu dúvidas de leitura (Fig. 4).

Dimensões: 118 x 112 x 60.

DIVO · AVGVSTO / C(*aius*) · ARRIVS · OPTATV[S] / C(*aius*) ·
IVLIVS · EVTICHVS / AVGVSTALES

Ao divino Augusto – Gaio Árrio Optato, Gaio Júlio Eutico, augustais.

Altura das letras: l. 1: 11,1/11,7 (I = 12, O = 6,7); l. 2: 8/8,2 (P = 8,5, S = 7,8); l. 3: 7,7/8,0 (S = 8,3); l. 4: 9,4/9,7 (A = 9,3, L = 9,8).
Espaços interlineares: 1: 10; 2: 3; 3: 3,1; 4: 3,18; 5: 60.

Paginação segundo um eixo de simetria; pontuação de tipo triangular e correctamente utilizada. A gravação foi feita não com badame (de facto, à primeira vista, as letras parecem estar cortadas em bisel) mas com goiva: atente-se, por exemplo, no rasgo dos RR, que é arredondado. Trata-se, porém, de uma gravação muito cuidada, em perfeita monumental quadrada, onde seguramente houve prévias linhas de pauta, sendo de registar também o diferente módulo dos caracteres: DIVO AVGVSTO está, naturalmente, em módulo maior, sendo o I maior e reduzido o tamanho do O final, para tudo poder caber na mesma linha. Caracteres simétricos: casos do V (ainda que com a haste da direita mais fina), do A (de travessão com rasgo não profundo) e mesmo do S, embora menos cuidado; G de barra vertical e quase até meia altura; P e R não fechados, apresentando o R a perna só levemente ondulada; T de barra bem horizontal; vértices das letras geralmente acentuados por uma barra breve, a denunciar o corte, registando-se algum requinte na parte inferior do D. No seu conjunto, portanto, uma epígrafe deveras elegante e totalmente adequada a prestigiar os seus dedicantes num lugar público.

Datável, como se compreende, de pouco depois da divinização de Augusto – que morreu no ano 14 –, o monumento testemunha, por intermédio desta iniciativa de dois dos augustais do município

olisiponense, o apego da elite local à família imperial, dado tanto mais sintomático quando verificamos que esta dedicatória, assim formulada de modo tão singelo, se pode aproximar da homenagem prestada, na capital provincial, Mérida, pelo flâmine provincial Albino também ao divino Augusto.⁷

Da *gens Arria* em que está integrado o primeiro augustal referido temos, de acordo com a pesquisa feita para o atlas antroponímico da Lusitânia,⁸ oito testemunhos, dos quais três em Lisboa. Quando se estudou uma placa funerária de Estremoz em que uma das dedicantes era *Arria Quintilla* e a outra a sua filha *Avita*, chamou-se a atenção para o «imponente paralelepípedo de mármore, guardado no Museu do Carmo, cujas dedicantes são *Arria Quintilla* e *Lucretia Avita* (ILER 4759 = EO 102)⁹ – mais um testemunho de que estamos perante uma família pertencente ao escol municipal. Aliás, doutra forma se não entenderia a possibilidade de ter um liberto que lograra ser eleito para o colégio dos augustais, dado o relevo social e político que esse cargo representava como de estreita devoção ao poder imperial.

O mesmo, aliás, se poderá dizer em relação à *gens Iulia*, seguramente ligada aos habitantes iniciais de *Felicitas Iulia Olisipo*. Anote-se, todavia, que, enquanto o primeiro augustal tem um cognome latino, *Optatus*, como que a denunciar a sua condição de «optado» pela família *Arria*, um *cognomen*, de resto, muito popular entre escravos¹⁰, ao segundo foi dado um antroponímico de origem grega, grafado quase à maneira latina: *Eutichus*, nome que tem um significado de boa sorte, excelente augúrio.¹¹

⁷ Cf. o registo nº 21 492 de <http://www.eda-bea.es/> - com a principal bibliografia.

⁸ Cf. NAVARRO CABALLERO, M. E RAMÍREZ SÁDABA, J. L. [coord.], *Atlas Antroponímico de la Lusitania Romana*, Mérida (Fundación de Estudios Romanos) – Bordéus (Ausonius Éditions), 2003, p. 100 (mapa 40).

⁹ Cf. ENCARNAÇÃO (JOSÉ D'), *Inscrições Romanas do Conventus Pacensis – Subsídios para o Estudo da Romanização*, Coimbra, 1984, inscrição nº 470 (p. 549-550).

¹⁰ Iiro Kajanto – *The Latin Cognomina*. Roma, 1982 (reimp.), p. 77 – registou 140 casos em 831, salientando o favoritismo desta designação antroponímica para os escravos, o que, no caso vertente, denota, mais uma vez, a cultura da família a que o liberto pertencia..

¹¹ O *Atlas* atrás referido menciona 13 exemplos deste nome, ainda que nem sempre com a mesma grafia; 4 deles são de Mérida.

Não é, naturalmente, de admirar a presença documentada de augustais na romana *Olisipo*, se atendermos a que as famílias importantes amiúde davam a liberdade aos seus escravos para que eles pudessem, em seu nome, fazer os negócios a que, devido por exemplo ao exercício de cargos públicos, se não podiam dedicar. Se, para além disso, lograssem fazê-los eleger como augustais, o seu prestígio social saía daí acrescido, propiciando ainda maiores vantagens!¹²

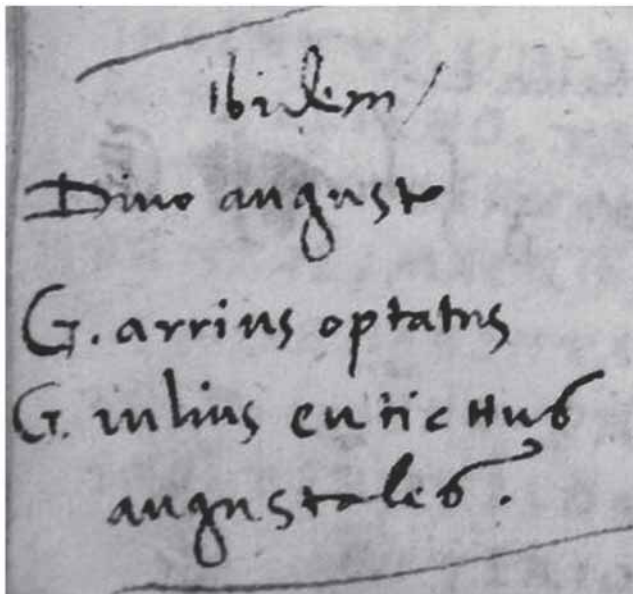
¹² Este estudo insere-se na linha de investigação “Epigraphy and Iconology of Antiquity and Medieval Ages” do CEAUCP.



FIG. 1



FIG. 2



Ibidem
Divo august
G. arrius optatus
G. iulius eutichus
augustales.

FIG. 3

Iuxta S. Iacobum, in ostio Joannis de Castro
Gabemateris.

DIVO AVGVSTO
C. ARRIVS OPTATVS
C. IVLIVS EVTICHVS
AVGVSTALES

FIG. 4

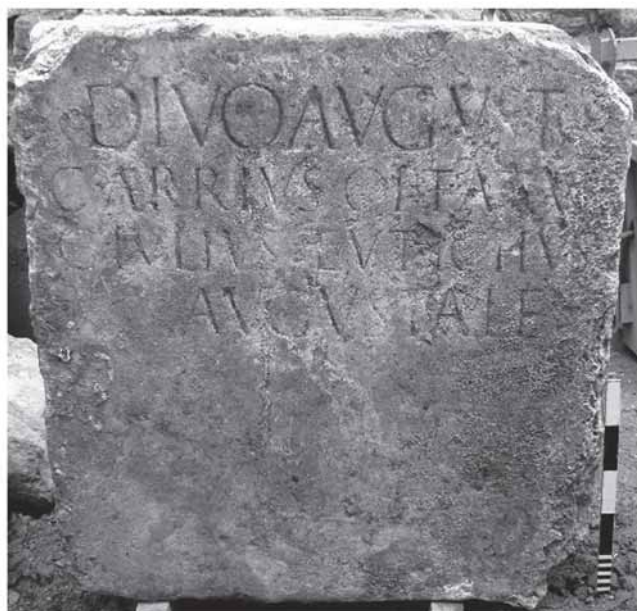


FIG. 5